Anno III (Segunda epoca) — *Sexta-feira, 17 de Janeiro de 1908.* — Num. 1.

A LUCTA PROLETARIA

Orgam da Federação Operaria do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580
SÃO PAULO (Brasil)

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTAMO-NÓS.

Aux journaux ouvriers de l'extérieur

Nous prions tous les jornaux ouvriers de nous faire le service d'échange de leurs publications.

Adresser tout ce qui concerne ce journal à

LUTA PROLETARIA
Caixa Postal, 580
S. Paul—Brésil.

EXPEDIENTE

Condições de assignatura:

1 mez	$500
3 mezes	1$500
6 „	3$000
1 anno	6$000

A todos os jornaes operarios pedimos a remessa de um exemplar para a redacção.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organisar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redactor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* deve ser dirigida á CAIXA DO CORREIO, 580.

À LUCTA

Com o presente numero da *Lucta* iniciamos a publicação periodica do nosso orgam official. E' desnecessario, pensamos, conforme o costume jornalistico, escrever aqui o programma, a linha de conducta que o jornal deverá seguir.

Sendo elle a emanação de uma collectividade operaria que já demarcou, publicamente, nos congressos e nos jornaes, nas reuniões e em seus actos praticos o seu fim e o metodo usado para conseguil-o, escusado é dizer que a *Lucta Proletaria* olhará para esse fim—a emancipação dos trabalhadores da escravidão capitalista, e seguirá esse metodo—o sindacalismo revolucionario.

Quem se interessa pelo movimento operario deste Estado terá, sem duvida, notado como a sua marcha, o seu desenvolvimento esteve até agora bastante prejudicado pela falta absoluta de um jornal de classe, onde os nossos interesses pudessem ser sustentados onde as nossas ideias pudessem ser defendidas das calumnias, dos ataques de adversarios deshonestos e interessados.

Além disso é absolutamente necessario que os operarios, os nossos irmãos de lucta e de trabalho, cheguem ao conhecimento de todo o movimento internacional, das luctas que em outros paizes o proletariado está travando contra o seus oppressores, para dellas tomar exemplos, adquirir experiencias, fortalecer suas convincções.

A publicação mais frequente possivel do nosso jornal impunha-se, portanto, como uma necessidade e nós, confiados no apoio dos camaradas, certos de que não nos deve faltar o auxilio de quantos neste paiz luctam pela causa das reivindicações proletarias, lançamos a ideia que com o presente numero da «*Lucta*» vamos pôr em pratica: A publicação semanal do nosso orgam official.

A elle, á nossa obra de propaganda dedicaremos todos os nossos esforços, e nenhum obstaculo poderá fazer-nos retroceder, como nenhum sacrificio fará enfraquecer em nós a fé com que estamos animados, a constancia que nos impuzemos.

Nas officinas onde as machinas humanas se exgottam em um trabalho bestial, nos campos, onde milhares de proletarios se sugeitam inconscientemente a todas as vexações, aos mais grosseiros insultos, a todas as infamias commettidas contra elles pelos patrões e seus acolytos, em qualquer parte onde os nossos irmãos supportam, sem reagir, as condições miseraveis que lhe são impostas por esta maldita sociedade, queremos fazer ouvir a nossa voz, que lhes diz: «Camaradas, amigos, o vosso proceder é indigno de homens! Aceitar pacientemente a vossa condição de escravos é um crime, baixar a cabeça de boa vontade ao jugo do capital é acção de bestas e vós não deveis sel-o. Pela vossa dignidade, pelo bem estar dos vossos filhos, é preciso tomar parte activa na hodierna lucta de interesses e para isso deveis agrupar-vos, unir-vos aos vossos companheiros e enfrentar conscientemente os vossos inimigos, as sanguesugas da sociedade que vos obrigam a vegetar em uma vergonhosa inferioridade economica e moral!»

Bem sabemos que nesta tarefa de incitamento á acção teremos muitos inimigos, mesmo entre aquelles escravos que nós tencionamos pôr no caminho das suas reivindicações, bem sabemos quanta influencia exerce sobre o pensamento dos operarios todo este odioso systema social; porque elles olham-nos com desconfiança se não se põem abertamente contra nos; mas não importa. Como a nossa obra resiste á reação da borguesia e dos seus alliados, ser-nos-á muito mais facil convencer esses operarios de que somos guiados exclusivamente pelo amor á nossa causa, que é tambem a sua.

Todos os nossos esforços, porem, ficarão sem resultado, todas as nossas boas intenções não poderão realisar-se se, como dissemos, nos faltar o apoio dos poucos energicos, dos companheiros activos, dissemenados por todo o Interior do Estado e mesmo na Capital.

Não somente é necessario que a contribuição material de todos nos ponha em condições de poder continuar com a publicação do jornal, como é preciso que em todas as cidades e villas do Interior alguem se preocupe em iniciar uma agrupação de operarios, não importa se pouco numerosa, no principio, e nos envie, o mais frequentemente possivel, correspondencias, noticias, artigos de propaganda e de actualidade. Todos, todos os bons camaradas, têm a obrigação moral de ajudar-nos nesta difficil tarefa, todos devem trazer-nos a sua contribuição de energia e de bôa vontade.

A postos, portanto, companheiros! A luctar pelo despertar dos nossos irmãos de miseria e de opressão—obra que emprehendemos e para cuja realisação os esforços de todos, esperamos, convergirão como para o cumprimento dum dever.

A FEDERAÇÃO OPERÁRIA DE S. PAULO.

TUDO É RELATIVO

Ganhai(?) bastante milhões fazendo engulir rios de ouro nos emprestimos duma nação amiga e alliada: sois um genio e vos decorarão.

Apropriai-vos de algumas centenas de mil francos lançando minas sem mineral: sois um homem habil.

Metei no bolso cem mil francos dos commandatarios: é um erro de caixa.

Apoderai-vos de dez mil francos: começa-se a falar de irregularidades.

Desviai mil francos: é um abuso de confiança.

Dai a um freguez um prejuizo de cem francos: chamar-vos-ão gatuno.

Questionai por cinco francos com o vosso patrão: sereis um canalha.

Roubai um pão: Sois um perigoso anarchista. que declarou guerra á sociedade.

MORAL: *Procurai ser um eminente financeiro.*

(De «LA VOIX DES VERRIERS»)

SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO

Emquanto estamos preparando uma agitação operaria contra esta infamia que vem cahir como uma maldição sobre o nosso paiz, por causa da mania especuladora dos que se chamam *nossos directores*, damos lugar a este manifesto que a Federação Operaria do Rio dirigiu aos operarios de lá.

Trabalhadores:

Temos sido vilmente enganados, desde que nos entendemos por gente, nós que somos exemplo de boa fé e que temos sido resignados até agora, já sabemos o que estão tramando aquelles que sustentamos com o suor do nosso rosto e com sacrificios até dos nossos. Se não sabemos bem o que se passa sabel-o-emos em breve.

Um marechal, ministro da guerra, porque da guerra vive como os que lhe deram esse cargo, para ser a primeira autoridade militar do Brazil e merecer a benemerencia dos seus iguaes, resolveu enviar ao parlamento um projecto de reorganisação do exercito e sorteio militar obrigatorio. Este, inflamado de patriotismo pago a 75$ por dia, fora os arranjos, discutiu e votou o tal projecto. A principio as exclusões eram odiosas—ficavam isentas certas classes parasitarias e nocivas á sociedade. Considerando então, os legisladores emendaram a mão e ampliaram o sorteio que attinge agora a todos os cidadãos validos.

Nós, entretanto, sabemos que, si bem os homens da lei façam ver que não haverà excepções, ellas serão um facto e só os homens do povo, os trabalhadores serão sacrificados, pagando o tributo de sangue se o projecto for posto em execução. Mas a consciencia proletaria vae despertando no Brazil e o trabalhador escravo do patrão e por elle roubado vilmente, enganado pelos politiqueiros, espingardeado pelos soldados quando reclama, não quer, não pode e não deve ser soldado. Pois si nem o minguado pão elle tem, como irá defender a patria que é uma abstração e o interesse dos governantes?

Não. Os trabalhadores aviltados quer pela miseria quer pela oppressão não podem ser arrancados ao lar e ao trabalho para servir a seus amos.

Demais, ser soldado è consentir em escravisar-se ainda mais do que um trabalhador. O militarismo é a escola do crime e o soldado não é mais do que um assassino mascarado e pago.

Terminando diremos: A patria é de quem rouba e explora, a patria é o privilegio e o monopolio; a guerra é uma monstruosidade filha do interesse e da rapina. Nós operarios, não temos privilegios, não exploramos e não monopolisamos cousa alguma; pelo contrario, somos victimas daquelles que nos querem fardar e armar para que amanhã, avancemos contra os nossos irmãos de além fronteiras por pretendidos insultos.

Nada de patria, trabalhadores, nada de militarismo. Conquistai, companheiros a vossa liberdade dentro da luta directa e repelli os intermediarios.

Negai-vos a ser soldados, negai-vos a atirar contra vossos irmãos.

A oposição tenaz ao serviço militar obrigatorio só a podereis levar a cabo sendo solidarios. —O governo lançará mão da violencia para reprimir a revolta coscieute dos operarios que se negarem a servir. Não importa! Lancemos tambem mão de todos os meios para defendermos-no. A liberdade não é um presente dos governantes, é uma conquista que as vezes custa.

Reagi contra o serviço militar obrigatorio, com todo o ardor! Avante!

A luta, pois, bradando: Viva a solidariedade!

Federação Operaria do Rio de Janeiro

Em virtude desta monstruoza organização, o filho do trabalhador não acha, ao entrar na vida, nem um campo que possa cultivar, nem uma machina que possa manobrar, nem uma mina que ouze abrir, sem ceder do que produzir uma boa parte a um amo. A sua força de trabalho tem que a vender por uma magra e incerta ração. Seu pai e seu avô trabalharam para drainar esse campo, para construir esta officina, aperfeiçoar as machinas; trabalharam na plena medida das suas forças — e quem mais do que isso pode dar? — Elle, contudo, veio ao mundo mais pobre que o ultimo dos selvagens.

Se obtiver licença de se dedicar á lavoura dum campo, há de ser com a condição de ceder a quarta parte do rendimento ao amo e outra quarta parte ao governo e aos intermediários. E esse imposto, cobrado pelo Estado, pelo capitalista, pelo senhor e pelo medianeiro, crecerá sempre e raro lhe deixará sequer a faculdade de melhorar as suas culturas. Se se entregar á indústria, poderá trabalhar, — nem sempre a pezar disso, — mas com a condição de receber únicamente um terço ou metade do producto, devendo o resto caber ao que a lei reconhece como dono da machina.

P. KROPÓTKINE.

O nosso Congresso

O trabalho extraordinario destes ultimos dias fez com que não nos pudessemos ainda dedicar á preparação do 2.º Congresso Operario Estadoal, que, conforme a deliberação tomada na 1.ª Conferencia, devia realisar-se nos primeiros dois mezes deste anno.

Já os camaradas de Santos nos lembraram a necessidade de cuidar quanto antes de tal iniciativa, e, como elles, todos os operarios organizados do Estado devem, pela certa, desejar que a realisação do 2.º Congresso seja levada a effeito com a maior urgencia.

A questão do Congresso será trazida á discussão na primeira proxima reunião do *Comité Executivo*, e começaremos a estudar as modalidades, os permenores necessarios para lançar definitivamente a iniciativa.

Porem, para que o Congresso traga á collectividade operaria do Estado os beneficios que nós esperamos, é preciso que nelle sejam levadas á discussão questões de relativa importancia, é necessario que os operarios tragam ali suas ideias, suas convicções, reforçadas pelas experiencias trazidas ao movimento pelos ultimos acontecimentos, pela acção dos operarios de outras nações.

Somente neste caso, isto é, dando as discussões do Congresso um caracter essencialmente pratico, deixando de lado tantas inuteis formalidades, sem discursos, sem rhetorica, mas com breves e sensatas trocas de opiniões entre camaradas guiados pelo unico fim de orientar no melhor modo possivel a acção das collectividades operarias; somente assim, dizemos, o nosso 2.º Congresso poderá ser fecundo de bons resultados.

Mas para que isto se dê é preciso um grande trabalho de preparação. As questões que mais se agitam entre o meio operario, tudo quanto pode ser objecto de discussão deve, antes do congresso, ser tratado nas assembleas, discutido nos nossos jornaes em francas polemicas entre companheiros, para assim delucidar ideias e evitar equivocos.

Aconselhamos, portanto aos nossos camaradas, de iniciar desde já um serio trabalho a este respeito. As diversas Ligas podem, por exemplo, formular temas sobre assumptos importantes e de actualidade e provocar entre seus socios as discussões a respeito; os camaradas isolados, nos logares onde não ha associação, interessarem-se em fundar uma pequena agrupação de operarios activos, para tal fim.

De qualquer modo a discussão levará bom effeito e o 2.º Congresso Estadoal de S. Paulo, será algo util ao movimento e ao proletario do Estado.

Eu disse e sustentarei a todas as potencias da terra que os escravos são tão culpaveis quanto os seus tirannos, e não sei se a liberdade se pode queixar mais dos que têm a insolencia de invadil-a, ou da imbecilidade dos que não sabem defendel-a.

MIRABEAU.

Companheiros! Não compreis os chapéus de EVANGELISTA CERVONE & IRMÃO.

O MOVIMENTO EM S. PAULO

Os Chapeleiros

Esta classe de operarios viu-se forçada a iniciar no dia 23 de Dezembro uma grève em 4 das maiores fabricas de chapéus, devido a uma armadilha que os respectivos proprietarios lhes tinham arranjado, julgando talvez que os operarios das suas fabricas estivessem dormindo o profundo somno dos justos. Pela sua parte estes camaradas deram provas de estar bem despertados e os coitados dos *grandes homens* devem estar a esta hora mordendo os bigodes por se terem visto impotentes para vencer esta *canalhada de operarios*.

Os industriaes de S. Paulo e alguns do interior, ainda não enguliram a pillula das *8 horas*. Esta lhe ficou atravessada na garganta e estão fazendo todos os esforços para ver se a podem deitar fóra. Como não lhes bastasse o medonho fiasco feito em Setembro do anno passado pelos industriaes marceneiros, os senhores M. Villela & C., Matanó, Sericchio & C., J. Bosisio & Filho, Dante Ramenzoni & Irmão, proprietarios de fabricas de chapéus, reunidos pelo bello ideal da exploração humana, mimosearam os seus operarios no fim do anno com um bonito presente; isto é uma circular que começava com frazes doces e bajulamentos jesuiticos, para acabar neste sentido: « Se os nossos operarios não nos ajudarem contra a concurrencia que nos está reduzindo á miseria (coitadinhos!) tomaremos deliberações que irão prejudicar os seus interesses.

A deliberação tomada era a imposição do antigo horario de 9 horas.

Francamente, estes burgueses não deixam de ser pandegos. Querem que nós nos interessamos pela concurrencia que elles fazem um aos outros, e entretanto são os primeiros a fomentar a concurrencia entre nós, e não somente deixam de interessar-se por ella, mas até a provocam, aceitando sempre as condições menos remuneradoras que a miseria, a fome, a inconsciencia obriga muitos operarios a fazer.

A parte estas considerações, os Chapeleiros, por nenhum motivo, estavam dispostos a voltar um passo atraz no caminho das suas conquistas — e sem esperar o dia 2 de Janeiro, data em que, segundo o desejo dos patrões devia começar a funccionar o novo horario, no dia 20 de Dezembro declararam a *grève*, dispostos a não voltar ao trabalho se não lhes fosse garantida a conservação das *8 horas*,

Nas casas Matanó, Serrichio & C., M. Villela & C.

Nestas fabricas a grève continua ainda. Nos primeiros dias, uma meia duzia de *krumiros* tentaram furar o movimento indo trabalhar. Os chapéleiros reagiram, e pintaram o diabo á sahida dos trahidores da fabrica. Conclusão: os krumiros sahiram com a cabeça rachada e as costellas machucadas, e, depois desse dia, na fabrica so entraram as moscas.

Na fabrica J. Bosisio & Filho

Foi a primeira que teve o bom senso de ceder. A uma commissão da *União dos Chapeleiros* responderam os proprietarios que estavam dispostos a aceitar as condições exigidas pelos grevistas e comprometeram-se a não alterar o horario de *8 horas*. Em vista disto, os operarios voltaram ao serviço e o trabalho está normalisado nesta casa desde o dia 2 de Janeiro.

Na fabrica Dante Ramenzoni & Irmão

Os proprietarios desta casa, conhecidos no meio operario de S. Paulo por se dizerem socialistas (?) defensores dos direitos operarios e tantas couzas mais, não ficaram atraz dos outros, pelo contrario salientaram-se pelo seu procedimento de verdadeiros discipulos de S. Ignacio de Loyola.

Por causa delles, a *União dos Chapeleiros* teve uma questão com o *Avanti!* jornal socialista daqui que, por ter sido ajudado pelos Ramenzoni repetidas vezes, com alguns contos de réis, achou opportuno pôr-se abertamente ao seu lado e contra os operarios em greve.

Tudo quanto se deu nesta fabrica desde o principio do movimento merece ser bem esclarecido para que os operarios todos possam ver até que ponto os patrões são capazes de elevar os seus instintos de traição e de jesuitismo.

No dia 3 de Janeiro, os senhores Ramenzoni notificaram á *União* que estavam dispostos a ceder desde que lhes fosse apresentada uma carta do teor da que foi enviada á Casa J. Bosisio. Isto fizeram os Chapeleiros e, de commum accordo, foi estabelecido que os operarios voltariam a trabalhar no dia 7, com a condição de que lhes fosse *garantida* a manutenção do horario.

Nesse dia, os proprietarios da fabrica pretendiam suspender *por tempo indeterminado* dois operarios sob o pretexto de que não tinham serviço para lhes dar.

Como apparece claro, estes burgueses queriam zombar da classe operaria julgando-a incapaz de defender dois camaradas da injustificada quanto velhaca manobra dos exploradores communs.

Nova greve houve neste dia na casa Ramenzoni seguida da imposição de serem readmittidos os operarios suspensos.

Mas, (e aqui está a demonstração mais patente desta grande verdade: os patrões são todos iguaes, seja lá qual for a mascara com que se disfarcem) os Ramenzoni tinham estudado um plano para ganhar com a astucia propria dos canalhas o que não poderam conseguir com a lucta franca e aberta.

Cederam novamente: os operarios *todos* voltaram ao trabalho, mas os dois camaradas escolhidos pela prepotencia dos patrões como victimas, foram novamente suspensos, depois de dois dias, com a desculpa da *falta de serviço*, ao mesmo tempo que aos demais operarios da fabrica eram feitas indirectamente, com habeis e jesuiticas manobras, pressões para que não deixassem o trabalho, como de facto aconteceu.

Não sabemos como a *União dos Chapeleiros* resolverá uma questão para nós de muita importancia, é provavel porém que, logo que tenham terminado os actuaes movimentos, a questão da fabrica Ramenzoni volte a ser tomada em consideração. Em todo o caso está ahi, apontada para os operarios todos, uma outra infamia, commetida por proprietarios egoistas e gananciosos, desta vez mascarados de socialistas.

Pequenas notas

O FILHO DE PAPAI, Sr. Horacio Villela, tem andado nestes ultimos dias escouraçando pelos arredores da fabrica com meia duzia de AMIGOS E COLLEGAS ameaçando distribuir bordoadas a todos os operarios que não quizessem voltar ao trabalho,

Verdade seja que o tal FILHO DE PAPAI, voltou á noite para casa com cara de quem comeu e não gostou. Mas admitamos que elle em vez de ser filho do patrão era um simples operario: que é que a policia teria feito? Livra ! ! !

*** Os patrões perderam a cabeça! Querendo amedrontar os Chapeleiros com a ameaça do xadrez publicaram na sessão livre dos jornaes alguns artigos do codigo penal sem perceber, que bobos! que nestes artigos está bastante claramente demonstrado que... o Senhores Villela, Serricchio, Matanò e toda esta cambada de sanguesugas deveriam estar a esta hora bem fechadinhos na cadeia.

Pois; ahi está:

« *Art. 205. Provocar ou causar cessassão ou suspensão de trabalho por meio de ameaças ou violencias para impor aos patrões ou operarios augmento ou diminuição de salario ou de serviço.* Pena de 2 a 6 mezes de prisão e multa de 200$000 a 500$000».

Quem provocou a cessassão do trabalho?
Os patrões!
Quem ameaçou e fez violencias?
Os patrões!
Quem quiz impor augmento de serviço?
Os patrões!
Portanto, quem devia ir no xadrez?
Os patrões!
E elles são tão estupidos que não o perceberam.

***

Como todos podem ver pelo que acima expusemos, os Chapeleiros de São Paulo estão atravessando um periodo de luta agudo, luta tanto mais justificada quanto é certo que do resultado della podem vir vantagens ou prejuizos para todo o movimento proletario do Estado.

E' provavel que as duas fabricas actualmente em gréve se vejam forçadas a ceder quanto antes ás condições dos operarios, porem, caso a gréve continue por muito tempo ainda, caso os Chapeleiros precisem de continuar na lucta por algum tempo para fazer baixar o orgulho destes tyrannos, é uma obrigação por parte de todos os operarios sem distincção de classe, ajudar os seus companheiros de trabalho para que a fome, a miseria não os obrigue a voltar cabisbaixos e derrotados, contra sua vontade, para a fabrica.— Os Chapeleiros do Rio já offereceram aos seus camaradas daqui a importancia de um dia de serviço por cada mez. Todos os operarios não podem, não devem deixar de lado este dever de solidariedade material, e nós estamos confiados de que o proletariado do Estado demonstrará mais uma vez de ser bastante consciente para comprehender a gravidade da situação e a urgencia do remedio.

Carta aberta aos redactores do "Avanti"

Ainda uma vez somos obrigados a dirigir-vos a nossa palavra para dizer-vos que o vosso proceder faz-nos ficar bastante admirados.

Depois de tudo quanto haveis dito no começo da grève, depois de todos os insultos que nos haveis dirigido, porque tinhamos arriscado o tal *colpo di testa* contra o vosso *leal companheiro*, agora que o tal *leal companheiro* vendo-se com a agua pela garganta, cedeu, pretendeis virar a fritada e offereceis-nos a vossa solidariedade na grève das outras duas cazas.

Então, nós vos dizemos que da vossa solidariedade não precisamos, que haverieis feito um papel muito mais bonito continuando na attitude de hontem sem piruetear tão escandalosamente.

Mas, que pensais vós? que o publico seja tão imbecil que não vos comprehenda, que não descubra o vosso jogo?

Como!... Se hontem a nossa grève era uma *convulsão epileptica* por ser feita na casa Ramenzoni, hoje esta mesma grève merece a vossa approvação só porque os Ramenzoni sahiram da entaladella?

Então não é verdade que os patrões não acenavam na Circular á imposição das 9 horas e que a interpretamos mal!

Lêde, senhores, a publicação do Villela:

« O horario será de 9 horas, efectivo, a começar do dia 13 do corrente, data do inicio do trabalho, *conforme publicação já feita*.

Logo, a grève era necessaria.

Logo, não sahiamos daqui: Ou hontem ou hoje destes um pontapé ás vossas idealidades!.

Mas os chapeleiros, repetimos, não se pucham pelo nariz. Não são meninos.

Explicamo-nos?

Julgamos que sim.

A UNIÃO DOS CHAPELEIROS.

UNIÃO DOS SINDICATOS

Companheiros,

Deve ser do vosso conhecimento, que muitissimos chapeleiros acham-se em greve ha mais de 18 dias pelo motivo de 4 proprietarios quererem impôr o antigo horario de 9 horas. Como era necessario, os operarios rebellaram-se contra esta malvada imposição: dahi a declaração da gréve.

A pedido da «*União dos Chapeleiros*» enviámos listas de subscripção para soccorrer os mais necessitados, certos de que estas listas serão conscienciosamente distribuidas nas officinas.

Escutai camaradas!...

A derrota dos Chapeleiros seria uma derrota moral de toda a classe trabalhadora desta cidade:

Ajudemol-os afim de que possam comprar um pão para a familia para que amanhã não digam: cedemos porque fomos, pelo nossos irmãos, abandonados na nossa miseria.

Companheiros! CUMPRI O VOSSO DEVER!

O Secretario
ATTILIO GALLO

Os Marceneiros

O Boicott á Casa J. Malta

Sahidos victoriosos do movimento de Setembro do anno passado pela conservação do horario de OITO HORAS, os marceneiros de S. Paulo viram-se agora forçados a entrar em questão com o Sr. J. dos Santos Malta, com fabrica de moveis á rua de Bom Retiro.

Este tipo, um verdadeiro carrasco, tivera durante a gréve o mais provocante procedimento, chegando mesmo a ameaçar os operarios da sua casa, que tinham ido em busca do pagamento, de mandar chamar a cavallaria, apostrofando-os com palavras grosseiras, insultos e villanias.

A *Liga dos Trabalhadores em Madeira* julgou opportuno, depois de ter normalisado a condição dos seus socios, chamar este patrão á ordem, exigindo uma retractação publica pelos insultos dirigidos aos seus associados: caso contrario ser-lhe-ia applicado o *Boicott*. O Malta prometteu acceder a este pedido, mas não o fez e a Liga declarou a sua fabrica *Boicottada*. O homensinho quiz brincar ainda, pensou, talvez, que os marceneiros não eram capazes de levar a cabo a iniciativa; e para dar prova da sua valentia, mandou prender um dos socios da Liga, que ficou detido por um dia num dos Xadrezes desta Capital. Em vista d'isto a *Liga*, numa assembleia bastante numeroza, confirmou a necessidade de agir com a maior energia e publicou manifestos aconselhando os operarios a não irem trabalhar na fabrica de tal homem, até que elle aceite as condicções impostas, que são estas:

1.º Manter a jornada de 8 horas,
2.º Fazer o pagameuto no dia 10 de cada mez,
3.º Indemnisar os operarios pelos dias perdidos durante a gréve;
4.º Abolição do trabalho *por peça*;
5.º Indemnisação de 200$000 ao companheiro que foi preso;
6.º Indemnisar a Liga pelas despesas do Boicott.

Nos primeiros dias o Malta quiz fazer ver que a decisão da Liga não o incomodava, mas quando os operarios da sua casa começaram a sahir, compreendeu que o negocio estava bastante preto e enviou uma commissão de proprietarios á sede da Liga para chegar a um accordo. A esta commissão foram notificadas as condições acima para que fossem communicadas ao Malta. Prometteram de voltar com a resposta, mas não appareceram ainda. Portanto o *Boicott* á Casa Malta continua.

Operarios Trabalhadores em Madeira! Ninguem deve ir trabalhar na Fabrica de moveis de J. dos SANTOS MALTA (Rua do Bom Retiro).

Esta gente precisa de uma boa licção!

Os Graficos

Gréves

Os senhores Weiszflog Irmãos proprietarios do estabelecimento graphico «Bünhaeds» pretendiam impor aos seus operarios uma modificação no horario. Os typographos não aceitaram a imposição e declararam a gréve.

Graças a attitude energica dos grevistas, estes voltaram á officina depois de dois dias, completamente victoriosos.

***

Os proprietarios do estabelecimento graphico Riedel & Franco desde o mez de Novembro do anno passado não fazem o pagamento aos seus operarios.

Como elles não são *emulos* do tal *Succi*, pelo contrario precisam comer todos os dias e sustentar suas familias, era natural que o procedimento dos patrões os puzesse em serios embaraços.

Não achando meio mais pratico para exigir o pagamento de seus salarios, todos os operarios daquella casa abandonaram o serviço no dia 15 do corrente e não voltarão ao trabalho até que não sejam satisfeitas as suas reclamações.

Estão portanto avizados os tipografos para não irem roubar o pão aos seus camaradas em lucta.

Avizamos

Todos os *Krumiros* de profissão, que, de hoje em deante, acharão trabalho garantido na officina de carros do senhor **Angelo Fossati** (alameda dos Andradas, 80) nos seguintes

PACTOS E CONDIÇÕES

1.º O *Krumiro* deverá trabalhar até que o patrão diga: CHEGA!
2.º Os *Krumiros* têm a obrigação de *puchar o sacco* ao Sr. Fossati e referir a elle tudo quanto na officina se diz a seu respeito.
3.º E' absolutamente prohibido aos *Krumiros* pedir adeantamento de dinheiro, embora tenham trabalhado como bestas durante mez e meio, sob pena de serem despedidos a pontapés.

Já se comprometteram a observar escrupolosamente as condições acima, os seguintes KRUMIROS PRIVILEGIADOS: **Narciso Zani, Paolo Gatti, Lodovico Finardi e Ettore** (aliás irmãos de *mangiamorti*).

O Syndicato dos Trabalhadores em Vehiculos

Aos tecelões e ao Operariado em geral

Camaradas,

Como sabeis, no mez de Maio do anno passado, apos grande e rehnida luta da maior parte dos operarios desta Cidade, a fabrica «Mariangela» começou funccionar no dia 26 do dito mez, graças aos inconscientes que foram servir de *Krumiros* convidados pelos contra-mestres aos quaes o Snr. Matarazzo fizera muitas promessas, o que aliás está cumprindo fielmente para que lhe sirvam de auxiliares para melhor explorar os pobres operarios.

Desde aquella epoca se comettem naquelle estabelecimento muitas infamias. Todos os mezes na occasião do pagamento aquillo é uma vergonha, ali ninguem recebe seu salario completo, tendo sempre que fazer reclamações, que aliás não são attendidas porque na fabrica não tem uma tabella que classifique o preço de cada panno. Ainda mais tem na fabrica 3 ou 4 contra-mestres que são a causa primordial de todas as questões

que ali apparecem. Pergunte-se aos operarios quem foi a causa dos acontecimentos do dia 24 de Dezembro em que depois de terem-se consultados com os operarios para que ninguem tocasse as teares, fizeram ver que eram os operarios que não queriam trabalhar, quando quem não quiz que se trabalhasse foram elles.

No mesmo dia os contra-mestres quizeram mimosear o seu patrão com uma cartolinha recebendo, elles em compensação deste acto de bajulamento, do Snr. Matarazzo uma caixa de vinho cada um. Como era de prever as despezas feitas nas 10 caixa de vinho não deviam sahir do bolso do patrão, por tanto foram bulir aonde? Na tabella dos pannos, afim de que, fazendo uma diminuição nos salarios pudessem sahir estas despezas dos bolsos dos eternos burros de carga... os operarios.

Esta foi a causa que motivou a gréve naquelle estabelecimento da qual tem pagado o pato o operario Salustiano Martins, que, como todo sabem, em nada tinha-se envolvido, porém teve a ousadia de, ao ver-se injustamente ultrajado, reagir com a energia que todos deveriamos ter em semelhantes casos.

Nada de medo, companheiros, o ferro se combate com o mesmo ferro.

Já por um manifesto publicado pela Federação podeis saber as condições em que se acha este industrial e nós, se queremos ver-nos livres dessa gente inhumana, devemos continuar no BOICOTT a essa casa e propagal-o com toda a nossa energia.

Neste modo somente poderemos vingar-nos.

O Syndicato dos Tecelões

O Boicott á Casa Matarazzo

Por um manifesto que publicamos ha dias, devem os operarios estar ao par dos acontecimentos relativos a este BOICOTT *que já dura ha quasi um anno e que tantos enthusiasmos despertou no primeiro periodo da iniciativa.*

Graças a este enthusiasmo o Matarazzo achou-se muito, mas muito apertado e isto justifica o facto deste barrigudo burguez, ter-se BAIXADO *a mandar um seu representante para tratar comnosco uma conciliação.*

Como dissemos, as negociações naufragaram e o BOICOTT *deve continuar até que nós seja dada completa satisfação.*

Um pouco de bôa vontade, um pouco de energia por parte de todos os camaradas e o Matarazzo estará quanto antes de PÉS NO CHÃO. *E' preciso que o* BOICOTT *á Casa Matarazzo volte ao enthusiasmo de outros tempos, e para que isto se dê, devemos propagal-o com o exemplo, com a palavra e pela imprensa, sem deixar de lado nenhuma das occasiões que se apresentarem.*

Os camaradas do Interior podem, querendo, dar-nos um bom auxilio a este respeito. Reflictam os nossos amigos sobre a importancia deste movimento e não deixem de agir.

Sabemos que o Moinho está agora parado 3 ou 4 dias por semana, sabemos que o Matarazzo, embora queira disfarçar a sua situação economica, anda em serios apuros, sabemos que está tentando illudir a bôa fé do publico, lançando no mercado as suas farinhas com outras marcas, sabemos que os depositos estão cheios de generos que não são aceitos nos mercados. Constancia, portanto, e os nossos camaradas victimados pela malvadez deste homem serão vingados.

PELO ESTADO

Santos.

Federação Operaria Local

Em 29 de dezembro, no local da Federação, realizou uma conferencia o camarada de Campinas Adelino de Pinho. Esse camarada falou hora e meia, desenvolvendo com clareza e solidez o tema: «Necessidade da organização». A concorrencia foi regular.

—

Realizou-se em 3 do corrente o anunciado espectaculo em beneficio da Caza do Povo.

O resultado foi regular.

Pedreiros, Carpinteiros e Pintores

No dia 30 de dezembro realizou-se uma assembleia geral destas tres classes. Entre outros assuntos tratados, foi aprovado o balancete apresentado pelos tezoureiros e feita a aclamação dos novos conselhos administrativos.

Estiveram presentes a essa assembleia dois delegados da União dos Pedreiros, de S. Paulo, que fizéram uzo da palavra, atestando a propria solidariedade e a de seus companheiros na luta para as reivindicações proletarias.

Tambem foi tratado de iniciar-se em breve os trabalhos para a Federação dos Sindicatos dos Operarios de Construção.

Aos Carroceiros

Um bom manifesto publicou a *Federação Local* para incitar á luta e á união esta classe de operarios, cujas condições não são, certamente, melhores das dos operarios de outras categorias. Os carroceiros de Santos, esperamos, hão de responder de boa vontade ao appelo que, pelo seu bem estar, lhe dirigem os seus irmãos de trabalho.

A séde dos sindicatos

A séde dos Pedreiros, Carpinteiros e Pintores está aberta todas as noites das 6 as 10 e todos os dias das 9 ao meio dia, estando sempre presente um companheiro, que atenderá a reclamações e pedidos, e o companheiro cobrador.

—

Lembramos a todos os trabalhadores a boicotagem declarada ao Restaurant Ilha de Monte-Cristo, á rua Bittencourt.

O Reporter

Da «*Aurora Social*» orgam da Federação Local, recortamos:—

A todos os jornaes e outras publicções de carater social pedimos que nos enviem um exemplar de cada edição. Com prazer estabeleceremos permuta.

O nosso endereço é:

Aurora Social
44, Praça da Republica 44 — SANTOS
Estado de S. Paulo — Brazil

Campinas

Os companheiros da *Liga Operaria* continuam na sua actividade que os faz destacar entre o movimento operario do Estado. A *Escola Social de Ensino Livre*, uma das mais bellas iniciativas que os nossos sindicatos podem por em pratica, funciona ali com uma regularidade promettedora. O exemplo que a «Liga» nos deu, por ser ella a primeira no Estado, a installar em sua sede uma boa escola com o fim de arrancar as futuras gerações ao ensino dogmatico da Egreja e ultra-patriotico do estado; deve incitar todos os operarios associados a fazer todos os esforços para que nas nossas agrupações possa ser posto em pratica algo de semelhante.

—

Uma boa festa de propaganda realisou a Liga em Dezembro ultimo, para commemorar seu segundo anniversario, e encerrar o curso escolar do anno passado. Isto nos deu occasião para convencer-nos *de-visu* que os operarios de Campinas são animados de uma boa dose de enthusiasmo e de vontade.

—

Em 1.º de Janeiro publicou a Liga um excellente manifesto, que sentimos não poder reproduzir por falta de espaço, pois não deixa de ser uma martellada vibrada energicamente ás bases desta sociedade criminosa.

Jundiahy

Sabemos de boa fonte que os operarios deste importante centro industrial tencionam reativar o movimento associativo dando novo impulso á sua Liga, que por muitas cauzas tem vegetado até hoje em uma apatia vergonhosa.

Por nossa parte, não deixaremos de fazer todos os esforços para ajudar estes camaradas na sua obra de reorganisação.

Nas outras cidades

A falta absoluta de noticias por parte dos camaradas de outras localidades nos põe em condições de não poder siquer acenar ao movimento operario do resto do Estado. Isto, porem, não deve continuar. Um appelo especial dirigimos a todos os bons operarios disseminados pelo Estado, para que nos enviem com a maior solecitude, alguma correspondencia sobre o movimento local.

A VIDA NAS FAZENDAS

Em Espirito Santo do Pinhal uma quadrilha de criminosos fardados **assassinou** no dia 1 do corrente mez um pobre colono, tal Giovanni Campi.

Este assássinato commettido em pleno dia, com a maior barbaridade, unicamente para saciar os istintos ferozes, a sede de sangue de quatro canalhas as ordems de tal Giacomo Bertelli, um dos tantos bandidos que á sua posição social devem a proteção das leis e dos governos, despertou por um momento a indignação do povo, mas este mesmo povo permitte agora que os assassinos levem a passeio pelas ruas da cidade o seu cinismo a sua prepotencia, rindo na cara das ingenuos que ousam acreditar na tal coisa chamada justiça.

Qual justiça nem nada!

Para os miseraveis, para os colonos, para os *sans-culottes*, não ha, não pode haver justiça.

São carne de matadouro; e podem servir de alvo ás balas de tres o quatro salteadores.

Mas, até quando?!

O MATADOURO

na Estrada de Ferro Rio Grande-S. Paulo

O camarada Gian Paolo lança, em LA BATAGLIA, um grito de alarme, que, pela importancia do assunto e porque nos e pedido, devemos reproduzir, chamando para ele a atenção de todos os leitores.

A zona paranaense por onde se vai prolongando o ramo sul da ferro-via Rio Grande-S. Paulo em construção é coberta de florestas virjens povoadas de ferozes indios «coroados». Ameaçados de se verem privados do seu ultimo refugio, das derradeiras terras de caça, acossados e traidos pelos «civilisados», os bugres, ocultos pelos espessos bambuzais que vão de Porto União ao Rio dos Peixes, não fazem distinção entre os brancos e frechum os trabalhadores da estrada. A guarda de 80 soldados enviados pelo governo federal é inteiramente insuficiente contra as manhas e ciladas dos selvagens. A fuga dos operarios da linha já começou, dirijindo-se os fujitivos para Porto União, Ponta Grossa e Curitiba; mas a fuga, que é hoje possivel, em breve, lá para diante deixará de o ser. As turmas formarão os seus ranchos a enormes distancias dos pontos habitados.

Mas, ao menos, estes trabalhadores arriscam a vida em troca dum bom salario? Não!

As pagas diarias são de 2$500 a 4$500, em media de 4$000! Ora, considerando que a media dos dias uteis não chega a 20 por mez e que só pela comida o operario tem que gastar 1$800 por dia calcule-se o resto.

Os trabalhadores são arrebanhados por ajentes, que prometem grandes ganhos, e ocultam os perigos e sacrificios, recebendo da companhia 5$000 por cada cabeça de gado humano enviado ao matadouro. Em S. Paulo, o ajente é um sr. Matteuci; no Rio, donde vai o maior fornecimento de desgraçados, não sabemos quem é.

Espalhem os nossos leitores este avizo. Os trabalhadores não devem ir para as obras do caminho de ferro Rio Grande-S. Paulo; lá os espera a morte, ou a mizeria, uma vida de brutos.

(Da «Terra Livre»).

CRONICA INTERNACIONAL

Lemos na imprensa operaria argentina:

PARA OS QUE EMIGRAM

A' imprensa extrangeira

Para que chegue ao conhecimento dos emigrantes pedimos a reproducção do seguinte artigo reformado da Constituição:

Art. 14. — Está na faculdade da policia permittir ou não reuniões ou manifestações publicas, de fechar locaes publicos e privados, de prender e deter sem previo juizo qualquer pessoa pelo espaço de 30 dias e de impedir com a violencia a realisação de qualquer reunião sempre; que o ache conveniente.

Eis ahi um governo que tem, pelo menos, a franqueza de demonstrar a todos a sua acção, o seu posto de combate na luta de interesses declarada em toda a parte pelas duas classes sociaes. E' sabido que o governo é o sustentaculo dos capitalistas, e ninguem ignora como a policia procede contra os operarios quando elles exigem dos patrões uma melhor condição de vida. Entretanto nem todos os governos têm a franqueza de declarar-se abertamente alliados da burguezia, como o são de facto, cousa esta que dá lugar a que muitos dos nossos companheiros de trabalho continuem na ingenua convicção de uma hyperpolica *neutralidade* do governo e da policia nas luctas e entre capital e trabalho.

Ahi está: na nossa constituição não existe nenhum artigo semelhante ao 14.º da Constituição argentina, pelo contrario a liberdade de pensamento é aqui *legalmente* reconhecida, a todos é permittida sem restricção nenhuma, a manifestação de suas ideias pela imprensa e pela tribuna, o domicilio é, pela Constituição, declarado inviolavel. Mas a policia daqui já prohibiu reuniões, já invadiu e fechou locaes privados, já prendeu e deteve operarios sem prévio juizo, já impediu com a violencia a realisação de publicas reuniões.

Portanto, aqui como lá, a liberdade individual e collectiva está á mercê de uma qualquer instituição governamental com a differença de que aqui não se tem a franqueza de dizel-o.

A insurreição no Chile

Em Iquique

Uma epopea de gloria — amalgama de sangue, de dôr e de odio — está-se cumprindo, como uma fatalidade historica, na região do salnitre e dos sindicatos: Iquique.

O braço proletario, espoliado em suores e esforços, ali, aqui, em toda parte, agiu esta vez, está agindo ainda contra os privilegios dos negreiros desta epoca que na pobre carne proletaria afundam suas unhas sujas e vorazes. Os telgrammas trouxeram á publicidade a infamia commettida pelos burguezes Chilenos. Uma avalanche de vinte e cinco mil operarios, cheia de odios e enflorada em visões de um melhor e mais humano porvir, irrompeo pelas ruas, pelos largos, nas estações das Estradas de Ferro, oppondo á prepotencia criminal dos mandões, seus peitos, seus pobres peitos cheios de paixão e de força.

Os mercenarios matam, abrindo na columna dos rebeldes, avenidas de chumbo fervente.

Assim os que não morreram nas salnitreiras pagaram nas ruas de Iquique, o delicto de sentirem-se homens e de rebelar-se aos seus tirannos.

Uma saudação aos cahidos no caminho da emancipação humana, e a esperança que seu sangue fecunde novas rebeldias!

Gréve geral politica na Argentina

Grande actividade estão demonstrando as sociedades operarias Argentinas para preparar esse grandioso movimento que será a gréve geral politica que devia ser declarada em 25 de Dezembro passado, mas que foi adiada para melhor preparar o terreno. Todos sabem que o governo Argentino em um momento de loucura reaccionario votou numa noite a famosa *Lei de residencia* contra os propagandistas e operarios extrangeiros. Esta lei, como todas, na mão dos dirigentes é a espingarda na mão de um bandido. Arbitrariedades, infamias, perseguições sem fim, têm commettido os mandões Argentinos contra a classe inimiga e a paciencia desta classe tem tambem seus limites.

Dahi a insurreição que os operarios estão preparando para impor ao governo a abolição desta odiosa medida.

E ganharão, pela certa, pois contra a vontade da collectividade operaria não ha força que possa vencer, desde que esta vontade seja imposta com a energia de que são capazes os proletarios Argentinos.

A elles os nossos encorajamentos e os nossos argurios de victoria.

Operarios!

Por ter elle, em occasião de uma grève no seu estabelecimento, posto na rua centenas de pais de familia, pondo-os na impossibilidade de trazer o pão aos seus filhos, e pelos sistemas escravocratas que em suas fabricas vigem

Não compremos os generos de F. MATARAZZO & C.

As Ligas no Extrangeiro

*** A federação dos Chapeleiros Francezes decidiu fundar uma grande Cooperativa de producção de chapeus. Será aberta em Pariz logo que sejam recolhidos os fundos por meio de uma subscripção por acções de 25 francos.

*** Nos dias 3-9 de Julho os chapeleiros allemães fizeram em Guben uma assembleia geral classe, e depois publicaram uma estatistica das diversas Uniões federadas que é seguinte:

Socios 6806 dos quaes 1925 mulheres. — Entradas Mark. 248.725. Sahidas 98.332. — Os movimentos sem gréve foram 9. — As gréves para defesa 8 e as de ataque 12. — A assembléa regeitou por grande maioria, uma proposta de Metzschkè, querendo obrigar os socios a fazerem parte da secção de *soccorros mutuos*.

Amor com amor se paga

Os operarios de S. Paulo já estão principiando a conhecer os seus direitos, e a agir no melhor modo que acham conveniente, para conquistal-os.

Muitas grèves têm-se dado em diversas classes, e por motivos justificadissimos, como seja: falta de pagamentos, máos tratos por parte do *patrão* gerente ou mestres de officinas, injustos licenciamentos de companheiros, diminuição dos já magros salarios, etc., e por isso os *patrões* pediram o auxilio da Policia, (que é por elles mantida) para amedrontar os grevistas, fazendo mostra de grande contingente de forças armadas, e disfarçando soldados e secretas em operarios, para fazer perder a esperança aos grevistas de ganharem a grève. Mas contra a força de quem conhece os seus direitos não ha outra força que possa resistir.

Essas grèves têm mantido em constante inquietude os patrões, que vêm em perigo a sua situação e agarram-se, como crianças chorozas, ás saias da mãe: á Policia salvadora da situação.

E' de imaginar qual o espanto d'essa gente,

pela giéve de Maio p. p. Todas as classes de operarios, estavam em gréve para a conquista das 8 horas, as grandes estabelecimentos não funcionavam mais, no centro da cidade, os operarios ás centenas passavam calmos e resolutos, discutindo com alegria sobre á victoria que os esperava: na sède da Federação Operaria as riuniões sucediam-se ininterrompidamente, o Largo da Sé, desda manhã até á noite, tinha um aspecto impressionante! Os patrões imaginaram, que fosse o dia da revolução, lembraram-se de todas as velhacadez que haviam commettido até então, e pensavam na vingança dos operarios: Estes estavam decididos, já não havia nenhum modo de os enganar, o unico recurso era a intervenção da Policia. Esta prontamente assaltou a séde da Federação, prendeu um grupo de operarios que lá estavam, fechou a caza, levou os moveis.

Tranquilizaram-se os patrões por verem-se salvos do *grande perigo*, e cederam as 8 horas que os operarios exigiam, regosejando por não ter sido peior.

Era um dever agradecer quem os livrou do grande susto... evitando-lhes de dar trabalho á lavadeira; portanto os capitalistas, em acto de reconhecimento pelo serviço prestado, presentearam um lindo automovel, ao presidente do Estado, que serve muito bem para esmagarem operarios, no meio da rua.

... Amor, com amor se paga.

X. X. X.

Por ser elle o mais atrevido dos patrões; pelos insultos com que costuma apostrofar os operarios; pelas infamias por elle comettidas

Não ide trabalhar na fabrica de JOAQUIM DOS SANTOS MALTA.

Festa Social

A *Liga dos Marceneiros*, vae realisar em beneficio dos seus cofres uma *soirée* social, á qual não deixarão de assistir os collegas e os amadores das nossas festas.

A festa realisar-se-à no salão «Eden Club» Rua Florencio de Abreu n. 22 no dia 15 de Fevereiro e será desenvolvido o seguinte:

Programma:

1.º — ***Il Martire***, prologo do drama "*Il Giustiziere.*"
2.º — ***Conferencia*** em portuguez.
3.º — ***Senza Patria***, drama social em 2 actos, de P. Gori.
4.º — ***Recitação de poezias*** em portuguez e Italiano, por *creanças*.
5.º — ***Triste Carnevale***, drama social em 1 acto.
6.º — ***Conferencia*** em italiano.
7.º — ***La Lettera***, monologo.
8.º — ***Greve de Inquilinos***, bellissima farça de actualidade, a proposito da recente agitação dos inquilinos, escripta por Neno Vasco.

Haverá uma optima orchestra que executará varios hymnos revolucionarios.

N. B. — Em vista de haver entre os companheiros alguns que gostam de danzar, resolvemos finalizar a nossa festa com um pequeno

BAILE

Cuidado com as gréves

A estatistica das gréves em S. Paulo já marca um numero bastante elevado e todas ellas com mais ou menos bom ezito para os grevistas.

Mas isso não quer dizer que todas as greves dêem bons resultados para nós. Acontece que numa classe ou mesmo numa officina onde obtiveram-se com a greve alguns resultados, os operarios continuam a por-se em grève por pequenas questões, aliás sempre justas, continuando a seguir a mesma tactica, de maneiras que, embora a grève seja vencida, os operarios sempre soffrem sacrificios que augmentam á medida da frequencia das gréves. Procedendo assim acabar-se-ha por não poder ganhar mais nenhum movimento por não poderem se sustentar os grevistas porque os operarios que trabalham estão cheios de dividas, portanto impossibilidados de ajudar as camaradas em luta.

E è justamente isso que os patrões querem: provocar gréves a toda hora para reduzir os operarios á impossibilidade de se ajudarem uns aos outros.

Claro está que nós que já ganhamos muito pouco, não podemos dar dinheiro todos os mezes para soccorrer grevistas, sem ter grandes prejuizos, portando é provavel que chegue um dia em que estaremos fracos a ponto de não poder resistir ás futuras gréves e os patrões tirarão partido destas condições para levantar a cabeça.

Para por remedio a este estado de couzas è preciso uma medida energica: Convencer os patrões a não provocarem gréves. Será para nós outro tanto de ganho.

Mas, podem dizer, como realizar este facto? Como por um limite á prepotencia dos patrões? E' muito facil: Hoje em dia os patrões não soffrem muito com as nossas gréves, pelo contrario, para alguns até é um beneficio porque têm tempo de dar sahida ao «stock» *empatado* nos depositos; portanto é necessario, eu creio, que em todas as gréves os patrões saiam muito prejudicados, para assim tirar-lhes a vontade de causar a suspenção do trabalho na sua fabrica. Para amansar os patrões è preciso tocar-lhes no bolso, caso contrario não se arranja nada, e estaremos sempre nas condições de agir contra os *Krumiros* que, embora malvados e traidores, são pobres operarios como nós, e soffrem pelas más condições em que a sociedade os poz.

Se, por exemplo, o patrão na occasião de uma greve visse as suas (?) machinas e mesmo a sua (?) officina em perigo, não somente elle não se atreveria a causar nova gréve, mas mesmo os outros patrões deveriam pensar duas vezes antes de se porem em luta com os operarios e na maioria dos casos, apaziguariam qualquer questão satisfazendo-os nas suas exigencias.

Quem não se lembra da cara com que ficaram as industriaes Norte-americanos quando souberam que com um punhado de areia os operarios podiam estragar machinarias pelo valor de centenas de mil francos? quem não sabe que os patrões vendo ameaçada pela reacção operaria a sua propriedade (?) ficariam desde logo sendo menos prepotentes?

Portanto pensemos bem neste caso: E' necessario que os patrões não nos obriguem a por-nos em grève.

Se achamos que è preciso para isso usar de outro metodo não receemos pol-o em pratica; se achamos que as gréves pacificas nos prejudicam procuremos agir diversamente; a questão é de agir, e agir de modo a não sermos prejudicados.

Heitor Brazil.

Por ser o jornal mais velhaco de todo o Estado de S. Paulo

Não leiais IL SECOLO.

Balancetes

União dos Pedreiros e Annexos

Balancete trimestral

ENTRADAS:	
Em Caixa em 30 de Setembro . . .	343$500
Mensalidades de Outubro	305$000
» » Novembro	160$000
» » Dezembro	185$500
Total Rs. . .	994$000
SAHIDAS:	
Despezas de Outubro	134$300
» » Novembro	64$900
» » Dezembro.	163$200
Total Rs.. . .	362$400
Em Caixa em 31 de Dezembro . . .	631$600

No proximo numero iniciaremos a publicação dos balancetes da Federação Operaria e da grève de Maio do anno passado.

AS BAZES DO SINDICALISMO

POR

Emilio Pouget

Editado pela biblioteca de *A Luta*, de Porto Alegre.

1 exemplar	$200
10 exemplares	1$500
50 »	5$000
100 »	7$500

E' um folheto utilissimo para a propaganda sindicalista.

Pedidos a esta Redacção.

Por não ter querido ceder ás justas reclamações dos seus operarios;

Não compreis os chapéos de EVANGELISTA CERVONE & C.

Operarios!

Ninguem deve comprar os productos da Casa F. MATARAZZO & COMP.

REUNIÕES

A Commissão da Federação é convidada de urgencia para a proxima Segunda-feira, ás 7 e meia da noite. Tratar-se-ão assumptos da maior importancia.

Chapeleiros.—Emquanto durar o actual movimento os chapeleiros reuuem-se todos os dias de manhã na sua séde.

Tecelões. — Domingo, 19, á 1 hora, reunião geral da classe no Largo do Riachuelo 7-A, sobrado.

Esperamos que os tecelões de S. Paulo saccudirão de uma vez para sempre a inercia que os deixou até hoje á retaguarda do movimento operario e concorrerão numerozos a esta assembléa geral onde serão tratados assumptos de muita importancia.

Alfaiates. — Um manifesto do Syndicato convida todos os operarios *Alfaiates de encommenda* para assistir á reunião geral da classe, Domingo, 19, ás 2 horas da tarde, na séde social, Largo do Riachuelo, 7-A, sobrado.

Pedimos encarecidamente a todos os alfaiates socios ou não para não deixar de intervir pois serão discutidas questões muito importantes para a nossa classe.

Esperamos que não serão precisas mais recomendações.

Escutai camaradas! O bem não é nosso, é para os nossos filhos; não credes que pelo motivo que neste dias tivemos um pouco de trabalho tudo ande pela melhor, não agora que chegam os mezes de crise queremos ver se os patrões cuidarão de nos!

Por isso, companheiros, agora nos todos precisamos frequentar a sociedade para discutir os nossos interesses e chegar ao nosso intuito.

A Commissão Executiva

Pintores.—O *Syndicato dos Pintores* convida seus socios para uma reunião geral que se realisará na sua séde, Rua José Bonifacio n. 33, Domingo, 19, a 1 hora da tarde.

Além de assumptos de muita importancia proceder-se-á á nomeação da nova Commissão Executiva.

Os pintores não sejam priguiçosos, pensem que não basta ser inscripto na Liga e pagar suas quotas, mas é necessario ser activos ás renniões e interessar-se pelo desenvolvimento do *Syndicato*.

Pedreiros. — Reunião geral da classe para approvação do balancete e mais assumptos importantes. Sabado ás 7 e meia da noite.

FOLHETIM

N. 1

O DIA DE 8 HORAS

Tradução da brochura editada pela Confederação Geral do Trabalho de França

Queres?

Vieste ao mundo para seres peor do que um escravo, produzindo sem tregua nem descanço em proveito do patrão?

Não!

Vieste ao mundo para viver da melhor maneira possivel: deves gozar das bellezas e das riquezas da natureza e participar dos produtos creados pelo genio industrioso da raça humana.

Porque não sucede assim?

Porque não queres!

Sim, careces de vontade e de consciencia. E's forte e não conheces a tua propria força. Curvas a espinha e sofres as duras condições que te impõem os capitalistas. E entretanto elles são **UM** contra **CEM**! Pois bem, se o quizeras, bem depressa melhorarias a tua sorte.

Queres?

Se queres, vem comnosco, teus irmãos de trabalho, e ajuda-nos a alcançar sobre o patronato uma primeira victoria. O proletariado todo sentirá os efeitos d'esta victoria; a sua repercussão benefica manifestar-se-á por um beneficio material e immediato e tambem por um resultado moral consideravel, porque nos mostrará que PODEMOS O QUE QUEREMOS.

Esta conquista, na qual, companheiro te convidamos a tomar parte, é A CONQUISTA DO DIA DE 8 HORAS DE TRABALHO.

Como alcançar as 8 horas?

A redução do tempo de trabalho diario é, para os trabalhadores, de tão evidente necessidade, que bom poderiamos prescindir de demonstração.

Ha muito que está proposta a questão. Em 1886, o Congresso da *Associação Internacional dos Trabalhadores*, que se realizou em Genebra, proclamava a necessidade de reduzir a 8 horas a jornada de trabalho. Depois, fez-se nesse sentido uma consideravel propaganda, que se acentuou sobretudo desde 1889, Póde-se dizer que, desde então, a QUESTÃO DAS 8 HORAS foi a preocupação constante da Classe Operaria. Mas cometeu-se o erro de esperar este melhoramento da intervenção da lei, quando rea tão simples unirem-se e pôrem-se de acordo os trabalhadores para não trabalharem mais de 8 horas, no maximo.

E' essa a tactica logica e historica: nunca as liberdades conquistadas pelos póvos fôram adquiridas a não ser pela sua força; nunca fôram espontaneamente outorgadas pela generosidade dos dirigentes.

O mesma se dá com todas as liberdades a que aspira hoje a Classe Operaria.

No caso particular do DIA DE 8 HORAS, o unico meio de o obter é conquistál-o directamente o operario, por suas mãos! Foi por esta tactica de acção directa e consciente que se decidiu o Congresso operario francês de Bourges, em 1904, inspirando-se no que já fôro feito em 1886, nos Estados Unidos.

Tu serás dos nossos, companheiro! Tu quererás a JORNADA DE 8 HORAS! Mais: tu chamarás os que, em volta de ti, enganados pelas mentiras do patrão, hesitarem em vir comnosco conquistar esse melhoramento!

A esses, explicarás por tua vez o que te explicamos: mostrarás que a redução do dia de trabalho a 8 HORAS é de absoluta necessidade; farás comprehender que, para alcançar essa diminuição, basta que queiramos, e explicarás que é preciso que nos ponhamos todo em acção energica e continuada, sem esmorecimentos nem fraquezas.

A dias de trabalho curtos—salarios altos!

Quando se fala reduzir a duração do trabalho, ha operarios que se horrorizam!... Pobres cegos que se recusam a abrir os olhos á luz e a contemplar o porvir!

E' triste, mas não é um fenómeno novo; sempre se acharam escravos que têm recusado a sua libertação; sempre existiu quem, perante o desconhecido porvir (que sempre, indefectivelmente, fatalmente, ha de ser melhor do que o presente) prefere a odiosa certeza da sua miseria actual.

O argumento que acóde logo a mente destes desgraçados, quando se lhes fala em reduzir o dia de trabalho, é: «Se trabalhar menos. menos ganharei...»

Erro, erro crassissimo, no qual procuram manter-vos os os capitalistas. Por mais paradoxal que pareça, não ha senão um meio para elevar realmente os nossos salarios: trabalhar menos.

Desde já cada um de nós póde comprovar facilmente como o trabalho é tanto mais mal pago quanto mais prolongado e rude fôr, ao mesmo tempo que realizado por operarios menos conscientes. Um exemplo tipico é o trabalho das refinações: nesses presidios industriaes, a taréfa é espantosamente dura, a temperatura iguala a dum forno e os salarios são irrisorios... mas tambem o numero dos operarios associados é entre elles infimo.

Aniquilados pela fadiga, os operarios que só rem tão extenuantes trabalhos satisfazem-se com os salarios infimos que lhes concedem, porque sentem necessidades muito restrictas.

Pelo contrario, nas profissões em que os trabalhadores exigem dias de trabalho curtos, os salarios elevam-se, porque as necessidades, as aspiraçõis aumentam com o tempo de que dispõem para si.

Quando se passa nos presidios patronais a parte mais bella da existencia, não se póde pensar em realizar sstisfação alguma; mas quando o labor é curto, as necessidades crescem em proporção directa. d'un modo indefectivel. E a necessidade que se manifesta primeiramente e a que urge satisfazer è a instrução.

Não se póde citar melhor exemplo da feliz influencia dos dias de trabalho curtos do que o seguinte:

Ha muitos anos que a imprensa Bushill (em Coventry, Inglaterra) suprimiu radicalmente as horas suplementeres e, sem diminuir os salarios reduziu a duração do trabalho a 50 horas por semana.

Uma das primeiras consequencias obtidas pelos 250 operarios desta casa foi a creação duma biblioteca que, seis mezes depois da redução do dia de trabalho, contava 600 volumes e 1500 ao cabo dum ano.

(Continúa).